



Super Caixa aprofunda pressão e mobiliza empregados por mudanças



O PROGRAMA SuperCaixa, lançado pela Caixa para unificar o Bônus Caixa e o TDV em um único modelo de remuneração variável, foi anunciado sem consulta ou diálogo com as representações sindicais e com os próprios empregados. A forma como a gestão implementou o novo sistema gerou

insegurança, falta de clareza sobre as regras e um ambiente de tensão entre os trabalhadores, justamente no momento em que a instituição deveria reforçar o reconhecimento pelo trabalho prestado.

A forma de cálculo do SuperCaixa impõe critérios que vão além do desempenho individual, condicionando o recebimento do bônus à combinação de metas que muitas vezes fogem do controle direto de quem está na linha de frente. Essa lógica agravou um ambiente de competição interna, fomentou desinformação sobre direitos e fragilizou a confiança na política de remuneração da Caixa.

Além do impacto nos rendimentos variáveis, a forma de implementação do programa ignora diretrizes recentes de gestão de riscos psicossociais no trabalho. A atualização da Norma Regulamentadora nº 1

do Ministério do Trabalho passou a exigir que as empresas identifiquem e gerenciem fatores como ansiedade, estresse e pressão no ambiente de trabalho, riscos que no caso da Caixa, se tornam mais evidentes com metas cada vez mais exigentes e sem escuta qualificada dos empregados.

Em resposta a essa realidade, dirigentes sindicais entregaram à vice-presidente de Pessoas da Caixa, Cíntia Lima Gonçalves Teixeira, o abaixo-assinado da campanha “Vendeu. Recebeu”, que reuniu 8.744 assinaturas de empregados da Caixa exigindo mudanças no regramento do programa. O documento foi organizado pela Fenae, pelas Apcefs e pelo movimento sindical e reafirma a necessidade de revisão imediata das regras para garantir justiça, transparência e respeito ao trabalho diário dos bancários.

Negociação permanente do BNB começa em fevereiro

QUANDO A Comissão Nacional dos Funcionários do Banco do Nordeste do Brasil (CNFBNB) e a direção do BNB se reúnem no dia 4 de fevereiro para a primeira rodada da mesa de negociação permanente de 2026. O encontro será realizado na sede administrativa do banco, no bairro do Passaré, em Fortaleza (CE).

Na pauta, os representantes dos bancários irão cobrar respostas a reivindicações apresentadas em 2025, como a realização de concurso público para recomposição do quadro de funcionários após o Programa de Demissão Voluntária (PDV), a implementação de um novo

Plano de Cargos e Remuneração (PCR) e mudanças na metodologia de reclassificação das agências, entre outros temas.

Antes da negociação, a CNFBNB promove uma reunião preparatória no dia 3 de fevereiro, com o objetivo de alinhar estratégias e definir prioridades para o debate com a direção do banco. Além dessas demandas, a expectativa dos trabalhadores é que a mesa de negociação avance em questões estruturais que vêm impactando o dia a dia nas agências, como a sobrecarga de trabalho após o PDV, os critérios de metas e a saúde mental dos funcionários.



Meta cumprida, trabalhador adoecido

A INTENSIFICAÇÃO da exploração do trabalho, marcada por metas abusivas, pressão permanente, salários rebaixados e pela lógica produtivista da vida corrida, tem aprofundado o adoecimento mental da classe trabalhadora. Este modelo, sustentado por práticas ultraliberais, impõe ritmos desumanos, corrói direitos e empurra milhões de pessoas ao esgotamento físico e psíquico, transformando o burnout em consequência direta da organização do trabalho.

Levantamento com dados de usuários do Programa de Benefícios em Medicamentos corporativo da epharma aponta que, em três anos, houve aumento de 4,5% na compra de medicamentos psiquiátricos. O crescimento considera o volume de caixas adquiridas entre janeiro e agosto de 2022 e o mesmo período de

2025, evidenciando a escalada do sofrimento mental no ambiente profissional.

O avanço mais expressivo no consumo desses medicamentos ocorre entre pessoas de 26 a 45 anos, faixa etária economicamente ativa e fortemente inserida no mercado de trabalho. O dado expõe o impacto de um sistema que normaliza o adoecimento como custo da produtividade e reforça a urgência de políticas de proteção à saúde mental, valorização salarial e limites claros à exploração no mundo do trabalho. Diante desse cenário, especialistas e entidades sindicais alertam que enfrentar o adoecimento mental no trabalho exige mais do que ações individuais ou paliativas. É necessário repensar o próprio modelo de organização produtiva, saudáveis e respeito aos direitos trabalhistas.



Ano 2026 - Edição: 003 26/01 a 02/02

Presidente: Eritan Machado

Sindicato participa de reunião com o Santander sobre plano de saúde

Reunião debate falhas no atendimento da Unimed e reivindicações dos bancários da Bahia

www.bancariosfeira.com.br

O PRESIDENTE do Sindicato dos Bancários de Feira de Santana, Eritan Machado participou, nesta quinta-feira (22/1), da reunião entre a Federação dos Bancários da Bahia e Sergipe (Feebbase), sindicatos filiados e o superintendente de Relações Sindicais do Santander, Marcelo Couto. O encontro debateu os problemas enfrentados pelos trabalhadores com o plano de saúde disponibilizado pelo banco na Bahia.

Desde a mudança para a operadora Unimed, há dois anos, os bancários vêm denunciando deficiências no atendimento. Durante a reunião, os representantes sindicais apresentaram o resultado de uma consulta realizada com os trabalhadores, que apontou que 94,6% dos 128 respondentes estão insatisfeitos com o plano de saúde.

Entre as principais reclamações estão a falta de hospitais, clínicas e profissionais



credenciados, a demora na autorização de exames e procedimentos, a dificuldade de contato com a Unimed e a diferença entre o valor pago nas consultas e o reembolso oferecido.

Os sindicatos relataram que os problemas se repetem em diferentes regiões do estado, demonstrando que as falhas no atendimento atingem bancários de toda a Bahia.

As entidades sindicais também entregaram um ofício ao representante do Santander, solicitando a troca do plano de saúde na Bahia ou, ao menos, a possibilidade de os trabalhadores escolherem entre a Unimed e a Sul América.

Diante das reivindicações, o superintendente de Relações Sindicais, Marcelo Couto, comprometeu-se a levar as demandas à direção do banco e realizar uma nova reunião para apresentar a resposta do Santander.

A vice-presidente da Feebbase e presidente do Sindicato de Camaçari, Thaise Mascarenhas, avaliou o encontro de forma positiva e destacou a expectativa de uma devolutiva favorável do banco, baseada nos dados apresentados e nos relatos dos sindicatos.

O representante da Comissão de Organização dos Empregados do Santander (COE) e diretor do Sindicato da Bahia, Adelmo Andrade, ressaltou a importância da reunião específica sobre o plano de saúde e a força da presença direta dos sindicatos na mesa de negociação.

Participaram da reunião representantes da Feebbase e dos sindicatos da Bahia, Camaçari, Feira de Santana, Irecê, Jequié, Ilhéus, Jacobina, Juazeiro, Itabuna, Vitória da Conquista, Extremo Sul e Oeste da Bahia. O Sindicato dos Bancários de Sergipe também esteve presente, em apoio às entidades baianas.

Bancos lideram ranking de reclamações em 2025



QUANDO O ASSUNTO são os bancos, como se diz no bom baianês, não falta queixa e, neste caso, também no sentido literal. O

sistema financeiro acumulou milhares de reclamações no quarto trimestre de 2025, com destaque negativo para PicPay, C6 e Bradesco, que lideram o ranking de denúncias de clientes.

O PicPay aparece em primeiro lugar, com 3.718 reclamações consideradas procedentes. O índice é de 55,52, cálculo que leva em conta a relação entre o número de queixas e o total de clientes, hoje em torno de 66,9 milhões.

Em seguida está o C6 Bank, que possui 33,4 milhões de clientes e registrou cerca de 1,7 mil reclamações, alcançando um índice de 51,92. Na terceira posição surge o Bradesco, com 100,4 milhões de correntistas e 4,8 mil reclamações, resultando em um índice de 43,89.

Entre os grandes bancos tradicionais, também figuram no ranking o Itaú, com índice de 36,24, e o Santander, com 27,29. Os dados escancaram a lógica adotada pelo sistema financeiro: ampliam a base de clientes, exploram ao máximo e, ao mesmo tempo, precarizam o atendimento.

Bradesco, Itaú e Santander, todos presentes na lista, seguem uma política marcada pela exclusão.

Mesmo com a cobrança de tarifas elevadas, promovem demissões, sobrecarregam os trabalhadores que permanecem, fecham agências e deixam a população sem assistência adequada. No fim das contas, o lucro segue sendo a única prioridade.

